

DESCER, DESCER ROLANDO OU ROLAR ABAIXO: DIFERENÇAS TRANSLINGÜÍSTICAS ENTRE PORTUGUÊS E INGLÊS NA SALIÊNCIA DE [MANEIRA] NA LEXICALIZAÇÃO DE MOVIMENTO

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Por que os *phrasal verbs* do inglês são tão difíceis para o aprendiz falante de português? Por que o aprendiz custa a aprender formas como “*he walked into the room*” e “*he jumped out*”, frequentemente substituindo-as por alternativas nada naturais em inglês, tais como “*he entered the room*”, ou até agramaticais, como “*he went out jumping*”? Uma resposta comum é que português não tem *phrasal verbs*, algo que FERREIRA (2018) mostrou não ser o caso. Outra explicação seria a transferência linguística, ou seja, a influência do conhecimento e uso de estruturas de uma língua na compreensão e uso de outra. No entanto, o que parece ser diferente entre português e inglês nos exemplos acima não são exatamente os elementos linguísticos disponíveis em cada língua, mas a forma como determinados domínios conceituais são organizados e expressos (ou lexicalizados) em suas gramáticas (JARVIS e PAVLENKO, 2010).

O presente trabalho é parte de nossa pesquisa sobre a transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE por falantes nativos de português. Lexicalização pode ser definida como a atribuição de componentes conceituais sobre uma unidade lexical, e a regularidade com que uma língua lexicaliza tais componentes é o que se entende por *padrão de lexicalização*. No domínio conceitual MOVIMENTO, as línguas apresentam diferentes padrões, e a maioria delas pertence a um de dois tipos principais: línguas com *frame* nos verbos (*verb-framed languages*, ou línguas-V), línguas com *frame* nos satélites (*satellite-framed languages*, ou línguas-S) (TALMY, 1991, 2000).

Talmy propôs uma tipologia que toma como objeto de análise um esquema básico de eventos de movimento (EM) que é formado por quatro componentes: (I) FIGURA, ou aquele que se move, (II) FUNDO, ou o ponto de referência em relação ao qual a FIGURA se move, (III) TRAJETÓRIA, ou o curso seguido pela FIGURA em relação ao FUNDO e (IV) MOVIMENTO. Há ainda os coeventos MANEIRA e CAUSA, que indicam, respectivamente, a forma como o movimento é realizado e se ele é espontâneo ou causado. Todos esses componentes são, para Talmy, elementos semânticos, expressos através de formas sintáticas tais como verbos, satélites e orações subordinadas. Satélites são elementos que estão “em relação de irmandade com a raiz verbal”¹ (TALMY, 1991, p. 486) e que alteram seu conteúdo semântico. São uma classe gramatical fechada e, em inglês, se manifestam como partículas que acompanham os verbos nas construções chamadas *phrasal verbs* (ex.: *go out*, *climb up*, *swim across*).

No presente trabalho, duas das proposições de Talmy são de interesse especial: (a) as diferenças entre línguas-S e línguas-V, e (b) o conceito de saliência, definido pelo autor como “o grau com que um componente do significado, devido

¹ No original: “in a sister relation to the verb root.”

ao seu tipo de representação linguística, emerge no primeiro plano da atenção ou, ao contrário, forma parte do plano de fundo semântico onde atrai pouca atenção direta”² (TALMY, 2000, p. 128).

De acordo com Talmy, os elementos semânticos podem ser mais ou menos salientes, dependendo de onde na estrutura linguística eles são expressos. Os elementos de fundo (*backgrounded*) são aqueles lexicalizados no verbo principal ou em um satélite; eles são menos salientes e mais prontamente expressos. Os elementos de primeiro plano (*foregrounded*) são lexicalizados em qualquer outro lugar; eles são menos prontamente expressos porque são mais salientes e têm um custo cognitivo de ativação mais alto do que as informações de fundo.

As línguas-S, como o inglês, normalmente expressam tanto MANEIRA quanto TRAJETÓRIA com constituintes de fundo (no verbo principal e em satélites, respectivamente). Embora MANEIRA de movimento seja na verdade um coevento (e, portanto, não obrigatório na expressão de movimento), o fato de ser expresso no verbo principal em inglês o torna prontamente acessível – nem saliente nem marcado.

Já as línguas-V expressam TRAJETÓRIA no verbo principal, e se MANEIRA é expressa na mesma frase, ocorre em um constituinte de primeiro plano, como um adjunto adverbial ou um verbo adicional (geralmente no gerúndio) – este é o caso do português. Como o co-evento MANEIRA é expresso de forma independente e requer um elemento saliente, ele é frequentemente omitido (ex.: Ele entrou na sala correndo. → Ele entrou na sala.).

O língua portuguesa apresenta caracteristicamente o padrão de lexicalização de movimento descrito acima, mas alguns estudos (MEIRELLES e CANÇADO, 2017; MEIRELLES, 2019) questionam o seu status como uma língua-V porque o português também pode expressar movimento com o padrão de confluência “movimento + co-evento” no verbo, típico das línguas-S, como no exemplo à esquerda (ex.: Ele correu para dentro da sala).

2. METODOLOGIA

A pesquisa sobre o movimento tem usado vários métodos e tipos de estímulos para a coleta de dados, cada um deles com vantagens e desvantagens específicas. Em geral eles se dividem em dois paradigmas: palavras fora do contexto e palavras em contexto. O primeiro geralmente usa tarefas mais controladas, geralmente baseadas em tempo, envolvendo nomeação, listagem e julgamento. O segundo utiliza tarefas de narrativa para reunir dados mais espontâneos e mais próximos do uso da língua no mundo real. Quanto aos estímulos, a pesquisa em movimento tem incluído tanto imagens estáticas (como as sequências de figuras nos estudos conhecidos como *Frog stories*) quanto imagens dinâmicas (cenas de vídeo gravadas especificamente para a tarefa ou retiradas de filmes ou desenhos animados).

Nossa pesquisa fará uso de tarefas de ambos os paradigmas, tanto com estímulos estáticos quanto dinâmicos, com o objetivo de investigar a lexicalização de movimento de vários ângulos e poder, assim, realizar uma análise de dados mais abrangente e detalhada e, possivelmente, mais confiável. O estudo também incluirá instrumentos complementares, que nos ajudarão a controlar algumas

² No original: “...the degree to which a component of meaning, due to its type of linguistic representation, emerges into the foreground of attention or, on the contrary, forms part of the semantic background where it attracts little direct attention.”

variáveis importantes como histórico linguístico, contextos de aquisição e uso das línguas, nível interlinguístico etc. Abaixo, apresentamos uma síntese dos instrumentos a serem utilizados em nossa pesquisa:

1. Tarefa de descrição do evento: os participantes assistem e descrevem 15 vídeos com eventos de movimento. Cada trajetória é mostrada em três vídeos diferentes, onde uma pessoa executa a ação de três maneiras diferentes: comum, menos comum, incomum. Na figura ao lado, um exemplo com quadros de uma das tríades de vídeos.
2. Narrativa oral: os participantes folheiam o livro de figuras *Frog Where Are You* (MAYER, 1969) e narram sua versão da história.
3. Instrumentos auxiliares: tarefas de reconhecimento e produção de vocabulário em inglês, teste de nivelamento em inglês e entrevista de histórico linguístico.



3. HIPÓTESES

Nossas hipóteses em relação a tipologia de movimento do português e a aprendizagem desse domínio conceitual em inglês por falantes nativos de português são as seguintes:

- (a) o português é de fato uma língua-V (que combina MOVIMENTO e TRAJETÓRIA no verbo principal) e a expressão de MANEIRA de movimento depende da saliência percebida desse elemento: se a MANEIRA de um determinado evento movimento for percebida como comum (a forma natural com que o movimento é realizado), é mais provável que esse componente seja omitido da frase;
- (b) A ocorrência do padrão de lexicalização típico das línguas-S em português é marcada: é mais provável que MANEIRA de ser expressa quando for percebida como saliente, isto é, quando o modo em o movimento é realizado for incomum no contexto em questão (por exemplo, uma pessoa descer uma colina rolando, ao invés de simplesmente caminhar); e
- (c) Aprendizes inglês-LE que são falantes nativos de português terão uma tendência maior de usar o padrão das línguas-S na língua-alvo (neste caso, o padrão-alvo) quando perceberem MANEIRA como incomum – será um caso de transferência conceitual positiva. Quando MANEIRA for percebida como mais comum (menos saliente), os alunos tenderão a transferir o padrão de lexicalização de movimento da sua LM, expressando TRAJETÓRIA no verbo principal e MANEIRA em um verbo adicional no gerúndio, ou omitirão o componente MANEIRA, mantendo apenas o verbo de TRAJETÓRIA (o que podemos chamar de transferência conceitual negativa).

4. CONCLUSÕES

Devido à pandemia de COVID-19, não foi possível iniciar as coletas de dados e, por isso, ainda não possuímos resultados conclusões para a presente pesquisa. O foco desta apresentação estará na análise teórica da lexicalização de movimento em português e inglês e na apresentação da metodologia que pretendemos utilizar para investigar o uso do domínio conceitual em questão por aprendizes brasileiros de inglês.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, R. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 135 p. 2018.

JARVIS, S.; PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York: Routledge, 2010.

MAYER, M. **Frog, where are you?**. New York: Dial, 1969. 30 p.

MEIRELLES, L. Verbos de movimento do português brasileiro: evidências contra uma tipologia binária. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 2, p. 1101-1124, 2019.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. **Alfa**, v. 61, n. 2, p. 425-450, 2017.

PAVLENKO, A. **The bilingual mind and what it tells us about language and thought**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014.

TALMY, L. Path to realization: A typology of event conflation. **Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 480-519, 1991.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring**. Cambridge, MA: MIT Press, v. 1, 2000.